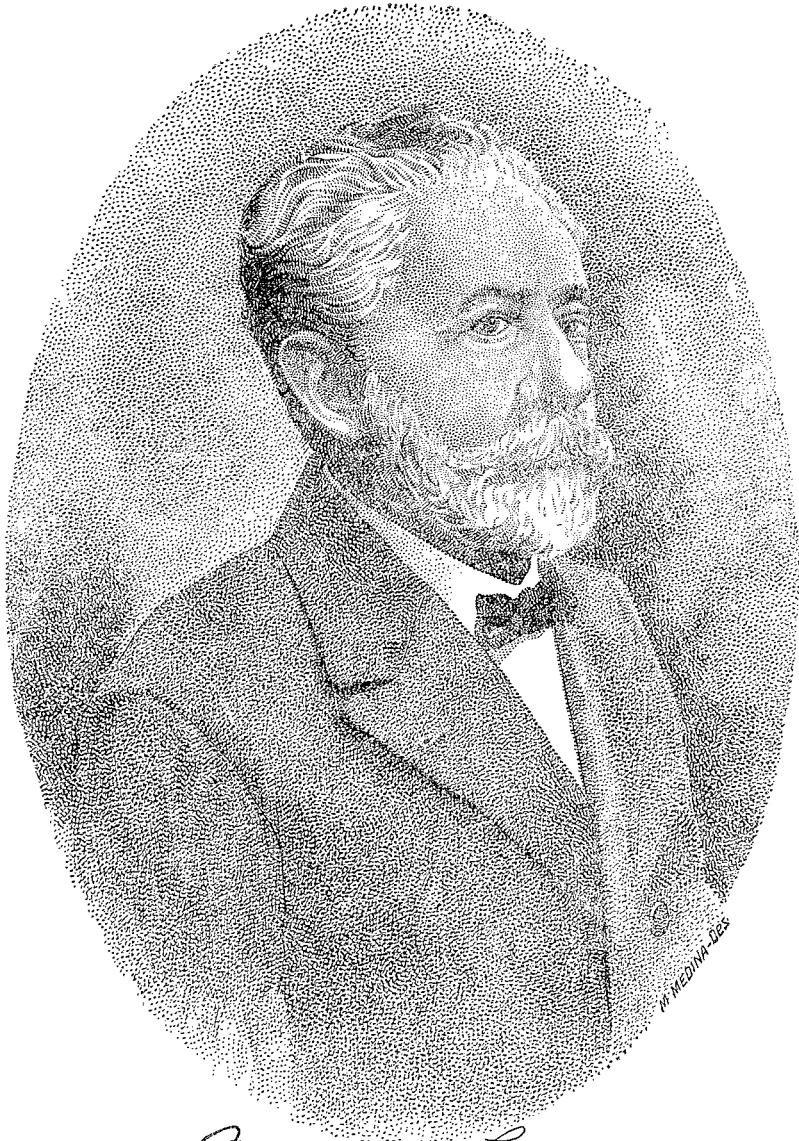


VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



Gonçalo de Campos

GONZAGA DE CAMPOS

(1856 - 1925)

NEM sempre é possível aquilatar-se do verdadeiro valor de um cientista pelo número reduzido de obras escritas e publicadas. Somente aqueles que com ele conviveram podem, nesse caso, dar-lhe o justo mérito e ajuizar, com segurança, das riquezas de suas contribuições, em conjunto.

São, muitas vezes, espíritos originais; temperamentos curiosos, mais preocupados em encher o tempo com investigações de toda a sorte, do que mesmo em ocupá-lo, também, na elaboração de artigos, memórias e livros, enfeixando o resultado de suas pesquisas e elocubrações.

LUIZ FILIPE GONZAGA DE CAMPOS — como tantos outros — foi um desses espíritos, cujo verdadeiro valor de sua obra e cujo mérito de sua atuação não podem ser devidamente apreciados, senão graças àqueles que com ele conviveram longamente e puderam — como dele disse um de seus íntimos — “sentir a pureza dos seus atos e o fulgor de sua inteligência”.

A propósito, escreveu SÍLVIO FRÓIS ABREU — que conheceu de perto GONZAGA DE CAMPOS e com o mesmo trabalhou —: “Um tanto desordenado nos seus trabalhos, nunca sentia disposição para escrever longas memórias, preferindo guardar no cérebro todos os conhecimentos adquiridos nos longos anos de pesquisas bondoso e desinteressado, transmitiu a muita gente ciência que mais tarde aparecia sem a menor referência às origens”.

Entretanto, apesar de sua bibliografia relativamente pequena, em comparação com a soma de trabalhos realizados, foi GONZAGA DE CAMPOS um grande investigador, com particularidade nos domínios da geologia pura, no campo da geologia econômica, no terreno da topografia, da engenharia civil, da climatologia, sem falar no setor da mineralogia e da fitogeografia onde produziu um trabalho de fôlego e de paciência, que bastaria para consagrá-lo como geógrafo de vulto: — o MAPA FLORESTAL DO BRASIL tendo por fim principal oferecer uma base aos primeiros estudos para a criação das reservas florestais.

Grande viajor, ora vemô-lo por montes e vales, estudando as regiões sidéricas, a cavalo e a pé; ora em batelão, subindo e descendo rios, furos e igarapés, das regiões amazônicas, preocupado, por exemplo, com o estudo das formações carboníferas da extensa região norte do país; ora indo até o sub-solo a fim de examinar minas ou coletar material para análises posteriores.

Toda sua vida foi, em suma, de um extraordinário dinamismo, e dinamismo dedicado, patrioticamente, à pesquisa científica da terra e das riquezas naturais do Brasil.

LUIZ FILIPE GONZAGA DE CAMPOS nasceu no Maranhão em 21 de junho de 1856, e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de julho de 1925, ocupando, na época da morte, o cargo de diretor do SERVIÇO GEOLÓGICO E MINERALÓGICO onde iniciara, em 1907, os seus trabalhos como funcionário do importante órgão de pesquisas, recém-criado.

Estudou em Ouro Preto, na Escola de Minas, tendo sido aluno distinguido de HENRY GORCEIX. Em 1879 formou-se pela referida Escola, começando suas atividades profissionais no estudo das jazidas de ouro da Lagoa Dourada, em Minas Gerais, e, posteriormente, na pesquisa de ouro, em São Paulo, na região de Apiaí (Vide Relatório dos trabalhos de pesquisa e preliminares da exploração que mandou executar na Lagoa Dourada a Empresa de Mineração do Município de S. João d'el Rei, 19 págs., Rio de Janeiro, 1881; e, também, Relatório de junho de 1882 a janeiro de 1883, 71 págs., 3 mapas, Tip. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1883).

Sua vida foi realmente dinâmica. Reconheceu trechos da via-ferrea sorocabana, no espaço compreendido entre São Paulo e a serra de Botucatu; estudou a zona limítrofe entre São Paulo e Paraná; descobriu a ocorrência do Devoniano neste último Estado, em Jaguaçuva; investigou em Santa Catarina (ilha de São Francisco) o local de um curioso meteorito ferro-niquelífero. (Nota sobre a localidade do ferro natural de Santa Catarina, Observatório do Rio de Janeiro, Revista, Ano III, Rio de Janeiro, 1888). Anteriormente, foi auxiliar de ORVILLE DERBY na organização da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, para a qual entrou em 1866. Ao lado de EUGEN HUSSAK, FRANCISCO PAULA OLIVEIRA, GUILHERME FLORENCE, a princípio, de TEODORO SAMPAIO, também, e de tantos outros, depois, teve, GONZAGA DE CAMPOS, marcante atuação científica na referida Comissão, de que nos dão uma prova concreta, os trabalhos contidos, por exemplo, nos relatórios de 1887, 88, 89, da Comissão Geográfica e Geológica, Prov. de S. Paulo. Mediu, em seguida, a primeira base de triangulação daquela então província e, em 1890, já estava na comissão incumbida de estudar o porto de Laguna. Como não era homem para perder as boas oportunidades, aproveitou a que se lhe apresentava e estudou, então, as minas de carvão de Tubarão (Ministério da Agricultura, Relatório do Ministro, págs. 27-76, mapas e perfis, As Minas de Carvão de Tubarão, Santa Catarina, Brasil. Em inglês: The coal beds of Tubarão, Santa Catarina, Brazilian Min. Review, V. I, págs. 102-105, 168-173, Rio de Janeiro, 1903). Também Carvão de Santa Catarina: (Brasil, Inst. Nac. Tecnologia, 90 págs., Rio de Janeiro, 1940).

Mas seu espírito de andarilho científico não podia sossegar. E ei-lo, agora, no Triângulo Mineiro, a estudar os depósitos diamantíferos de Água Suja, e, num salto, os de Grão Mogol, desta feita, no longínquo norte de Minas Gerais (Vide Jazidas diamantíferas de Água Suja (Bagagem) Estado de Minas Gerais, 52 págs., 2 mapas. Tip. Comp. Edit. Fluminense, Rio de Janeiro, 1891). Como engenheiro civil, dirigiu os reconhecimentos

iniciais do traçado da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, no trecho compreendido entre Bauru e Itapua, no território de São Paulo (Vide Estrada de Ferro para Mato Grosso; Estudo 48 págs., 1 mapa. Tip Espindola Siqueira & Cia — São Paulo, 1900)

A GONZAGA DE CAMPOS se deve — como opinam AVELINO DE OLIVEIRA e OTHON LEONARDOS — “as primeiras e valiosas contribuições sobre as feições geológicas, topográficas e climáticas daquela importante zona paulista, definindo nesta ocasião a formação cretácea que denominou grês de Bauru, campo de inúmeras pesquisas geológicas posteriores”.

Na Geologia do Brasil, dos referidos autores, encontram-se os traços primordiais da sua movimentada quão utilíssima atuação, tendo sido citado 68 vezes, pelos renomados geólogos patrióticos — quase sempre sobre sua opinião científica — em um livro de 782 págs. Nos primeiros anos do atual século, foram objeto de estudos do grande cientista boêmio, a bacia de turfa de Maraú, na Bahia; a região ferrífera do centro de Minas Gerais, cuja fisiografia descreveu, conforme se pode ver em o n.º 2, do Ano V, desta Revista. Também realizou investigações nas bacias de vários rios amazônicos para a pesquisa do carvão; no carbonífero superior do rio Paratuari no Estado do Amazonas, e, outrossim, empreendeu estudos sobre o problema do petróleo e xistos betuminosos no Maranhão.

Além de haver localizado em mapa, as jazidas do centro de Minas Gerais e de importância econômica, fornecendo a sua posição estratigráfica na coluna geológica, seu teor em ferro e a quantidade de minério disponível, tudo após dois anos de pacientes trabalhos escreveu GONZAGA DE CAMPOS — uma importante memória acêda da Indústria Siderúrgica, sob o título Informações sobre a Indústria Siderúrgica, que constitui o Boletim n.º 2, do Serviço Geológico e Mineralógico, 1922. Em tal memória expõe GONZAGA juiciosos conceitos que nunca perderão sua oportunidade “Sem a geologia do país, que nem tem cartas, não podemos acoirar de ingrata a natureza, que bem pode ter o direito de nos devolver o epíteto O que é pois indispensável é criar, é promover, é animar os estudos que nos dêem o conhecimento de nossas riquezas naturais”

Em 1915, com a morte de ORVILLE DERBY, foi GONZAGA DE CAMPOS elevado à categoria de diretor do Serviço Geológico e Mineralógico, cargo que ocupou até a morte. Como diretor impôs-se pela bondade, pela cultura, pela experiência, e pelo estímulo que deu as investigações no campo da geologia econômica, uma das suas grandes especializações (Vide dentre outros trabalhos, a sua Tese de Concurso para uma vaga da cadeira de Metalurgia da Escola Politécnica (Metalurgia do Ferro) Tip Literária — Rio de Janeiro — 1881)

De sua atuação ficaram, assim, contribuições escritas da maior valia. A todas — para a Geografia — se sobreleva o MAPA FLORESTAL DO BRASIL (1912)

É que, acertadamente, julgava GONZAGA DE CAMPOS, necessário, e mesmo indispensável, conhece, desde logo, embora sem minudências e rigor, a localização das florestas no território brasileiro, ao se intentar resolver o problema nacional da criação das reservas florestais. O MAPA é uma obra geográfica que por si só teve a fôixa de consagrá-lo como geógrafo

Atendendo ao fim especial a que se propunha, visou GONZAGA, apenas, discriminar os dois tipos principais de vegetação, isto é, como disse “o que é ou foi floresta, do que parece nunca haver sido”. A escala de 1/5 000 000 não lhe permitiu representar as matas devastadas, muito menos figurar as formações que as substituíram. Teve, porém, a consciência do que se deveria fazer, ao escrever: “Será entretanto da mais alta relevância que um trabalho exato e minucioso vá registrando gradualmente em mapas de maior escala, e em cartas topográficas, todos esses diversos tipos de vegetação, de cuja estatística dependem as melhores providências para o engrandecimento econômico do país”

Referindo-se ao valor do esboço, concluiu: “Esse esboço permitiu logo a avaliação aproximada das áreas de maior capacidade agrícola, como das que melhor se destinam à criação e outros misteres. Essas vão aliás indicadas para cada Estado ao lado do próprio Mapa”

No seu MAPA FLORESTAL, GONZAGA DE CAMPOS indicou os dados sobre a vegetação e o modo de organização do mesmo, aproveitando para aludir às principais causas de atraso na cartografia do Brasil, campanha meritória por que tanto se vem empregando o Conselho Nacional de Geografia. O autor estudou, em seguida, dentro do ponto de vista da geografia botânica, cada uma das diferentes formas de vegetação: a) As Florestas da Zona Equatorial; b) As Florestas da Encosta Atlântica; c) As Matas Pluviais do Interior; d) As Matas Ciliares; e) Capoeirões e Capoeiras; f) Pastos

O seu trabalho é hoje clássico entre os geógrafos, além do mais, porque o longo texto explicativo encerra descrições das formações vegetais típicas e fornece os lineamentos essenciais das mais importantes paisagens fitogeográficas

Relativamente a assuntos vários, escreveu nada menos de uma dezena de trabalhos, entre artigos e memórias, alguns dos quais publicados em revistas científicas estrangeiras (Vide, p. ex., Min Review Tour, Railway and Commercial Gazette, págs. 23-30, London, 1904, ou, Brazilian Min Review, V V, Rio de Janeiro, 1904). Número pequeno, talvez, para quem tanto trabalhou. Todos eles obedecem, porém, à divisa de GORCEIX: “Pouco e bom vale muito”

Mas os trabalhos de GONZAGA DE CAMPOS foram mais do que bons, porque foram ótimos. Além disso, pessoalmente, ensinou, orientou, esclareceu, dissipou dúvidas, de amigos e companheiros de trabalho. Aumentou a bagagem científica de muitos, com novos conhecimentos e revelações orais, que não pode reduzir à letra de forma, porque não teve tempo disponível, ou não quis fazê-lo, por modéstia, ou em virtude — quem sabe — de seu temperamento conhecidamente boêmio e original — J V C P